



O TRABALHO COM A ORALIDADE NA SALA DE AULA

Cleidiane da Silva ANDRADE¹ (G-UFPA)

Elson de Menezes PEREIRA (UFPA)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é deslindar através das falas dos professores do ensino fundamental o lugar da oralidade na sala de aula. São aportes teóricos os trabalhos de Marcuschi (2003), que trata sobre a importância do trabalho com a língua na sala de aula; Antunes (2003) defende o processo de interação entre o aluno e a língua e; Porto (2009) ressalta que a escola precisa desenvolver atividades que incentivem os alunos a utilizar a fala em situações reais de comunicação. Como procedimento metodológico foram entrevistados 5 (CINCO) professores da rede pública de ensino fundamental. O tempo de experiência dos profissionais oscila entre sete a nove anos, na docência de Letras e Ciências naturais. A pesquisa constata a necessidade de a escola atentar para a importância da oralidade, criando atividades que potencializem o domínio da oralidade nas variadas situações de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Aluno. Oralidade.

1 INTRODUÇÃO

O comportamento do ser humano é organizado pela linguagem, para isso nos exprimimos e motivamos nosso pensamento através da fala que é um processo individual e social, isto significa que a língua é recíproca entre sujeitos e a sociedade, sua manifestação ocorre através do discurso, que se constrói em circunstâncias social e histórico, onde os interlocutores são homens e mulheres. Neste sentido a fala se mostra como uma construção humana para fins comunicativos, criadora de conhecimentos compartilhados entre sujeitos de uma mesma comunidade. Como corrobora Marcuschi (2001):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2001, p.25).

Para o autor a oralidade apresenta-se sob a forma dos gêneros textuais que por sua vez converte-se em um processo comunicativo que se expõe em situações de comunicação formais e/ou informais. Para Bakhtin (Apud LEHMANN, sd, p.01) a linguagem é um processo de interação ligada pelo diálogo, desta feita “a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não conhecemos por meio de dicionários ou manuais de gramática, mas graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação com quem nos rodeia”. Segundo este plano a linguagem é uma interação de comunicações formais ou prosaicas entre interlocutores de uma mesma comunidade linguística, neste sentido o ensinar, o aprender, linguagem passa necessariamente pelo sujeito.

Desta feita o objetivo desta pesquisa é deslindar através das falas dos professores do ensino fundamental o lugar da oralidade na sala de aula. São aportes teóricos os trabalhos de Marcuschi (2003), que trata sobre a importância do trabalho com a língua na sala de aula; Antunes (2003) defende o processo de interação entre o aluno e a língua e; Porto (2009) ressalta que a escola precisa desenvolver atividades que incentive os alunos a utilizar a fala em situações reais de comunicação. Como procedimento metodológico foram entrevistados 5 (CINCO) professores da rede pública de ensino fundamental. O tempo de experiência dos profissionais oscila entre sete a nove anos, na docência de Letras, Ciências naturais. A pesquisa constata a necessidade de a escola atentar para a importância da oralidade, criando atividades que potencializem o domínio da oralidade nas variadas situações de comunicação.

2 A ORALIDADE E A ESCOLA

Trabalhar com a oralidade não significa trabalhar apenas a fala cotidiana do aluno, é necessário implantar atividades que favoreçam o desenvolvimento da capacidade do aluno defender, expor, argumentar, persuadir, debater, sobre um ponto de vista, fazer o aluno compreender que oralidade e escrita não são análogos, mas sim se complementam. Para Antunes (2003), o aluno é o sujeito da aprendizagem e é, portanto, ele quem realiza interação com a língua. A autora pontua os aspectos que norteiam a oralidade. Para ela, essa modalidade deve ser ensinada para o aluno de acordo com suas especificidades, deixando-o convicto do lugar da oralidade, fazendo com que os aprendizes entendam as diferenças entre as linguagens e quais situações usar cada uma delas.

A língua falada, portanto, é fundamental ao ser humano para a organização da ideia e a produção de diálogos presentes na comunicação. Assim, para que o falante consiga dominar seu discurso e argumentar um ponto de vista é necessário que a escola possibilite situações que envolvam os alunos em situações reais da fala. Nas palavras de Porto (2009, p. 22), “o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos diferentes intenções”. Para a autora, é dever da escola possibilitar para o aluno atividades que os motivem a trabalhar a oralidade de maneira pertinente tanto no contexto escolar quanto fora dele, percebendo ainda as variações que a fala apresenta, fazendo com que o aluno reflita sobre a variação linguística com o intuito de combater preconceitos relacionados à língua e ao comportamento humano. Leite (2010) observa que:

As formas de preconceito, entre eles o preconceito linguístico, são ocorrências intrínsecas à vida social do indivíduo, podendo determinar o tipo de relação que este mantém com o grupo. Portanto, tratar a oralidade de forma sistemática, contribui não somente para desenvolver a capacidade de comunicação do aluno, muito mais profundo, é o objeto de desmistificar formas diversas de linguagem, tornando-se indispensável no desenvolvimento do aluno. (LEITE, 2010, sem paginação).



A autora enfatiza sobre o ponto positivo que o trabalho com a oralidade pode proporcionar para o aluno, pois a partir do momento que a escola incentiva a oralidade na sala de aula, ela está viabilizando transformações na maneira que o aluno tem ao ver as variações linguísticas. Assim, ele perceberá os diferentes contextos para cada situação de comunicação.

Para os PCN'S (BRASIL, 1997, p.73), a escola pode possibilitar atividades que auxiliam no desenvolvimento do discurso oral do aluno, por exemplo: participação de situações recíprocas que envolvam a oralidade, permitindo ouvir e organizar seu discurso de forma clara e coerente, sem fugir ao tema proposto; oportunizar a manifestação de ideias a partir do argumento de uma determinada temática; propor o desenvolvimento de relatos orais, tendo como norteadores o tempo, a(s) causa(s), os cenários, objetos e personagens; adequar a linguagem às situações de comunicação formal nos diferentes tipos de contextos.

Santos, Mendonça e Cavalcanti (2007) tratam sobre como o professor deve mediar o trabalho com a oralidade na sala de aula, ao visar não apenas as conversas dos alunos, mas, sobretudo, utilizar e valorizar a grande riqueza que a linguagem oral proporciona.

Um trabalho consistente com a oralidade em sala de aula não diz respeito a ensinar o aluno a falar, nem simplesmente propor apenas que o aluno 'converse com o colega' sobre um assunto qualquer. Trata-se de identificar, refletir e utilizar a imensa riqueza e variedade de usos da língua na modalidade oral. (SANTOS, MENDONÇA, CAVALCANTI, 2007, p.89)

Dessa forma se faz necessário uma atenção especial quando se trata do trabalho com a língua oral em sala de aula, criando uma metodologia que incentive os alunos a trabalhar e valorizar a linguagem em diferentes situações de comunicação.

3 METODOLOGIA

Para descrever e analisar a percepção de professores do ensino fundamental sobre o lugar da oralidade em sua prática de ensino esta pesquisa optou por empregar como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas. Para tanto submetemos aos informantes questões como: Qual a importância da oralidade em sua prática docente? Qual o lugar da oralidade no processo avaliativo de ensino-aprendizagem? Quais os gêneros textuais orais que você mais trabalha na classe? Como você desenvolve o trabalho com a oralidade em sua prática docente? Há um planejamento peculiar para as aulas que envolvem a oralidade?

A entrevista ocorre entre um entrevistado e um entrevistador, a fim de se obter informação sobre um tema previamente estabelecido. Espera-se através da entrevista documentar um assunto não registrado.



Foram entrevistados 5 (CINCO) professores da rede pública de ensino fundamental. O tempo de experiência profissional dos educadores oscila entre sete a nove anos, sendo que os professores entrevistados são identificados pelas letras A, B, C, D e E (TABELA 1).

TABELA 1 – Perfil dos Informantes da Pesquisa

INFORMANTE	FORMAÇÃO	EXPERIÊNCIA	ETAPA DE ATUAÇÃO
A	Graduando em letras	Oito anos	Língua portuguesa
B	Graduando em letras	Oito anos	Língua portuguesa
C	Graduando em ciências naturais	Nove anos	CFB
D	Graduando em letras	Sete anos	Língua portuguesa
E	Graduando em letras	Nove anos	Língua portuguesa

Fonte: Dados da Pesquisa

3.1 A ORALIDADE NA SALA DE AULA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES

Os resultados demonstram que os professores acreditam que a importância da oralidade reside no uso real da fala e, conseqüentemente preparam o aluno para conviver com várias situações de comunicação. Como demonstra a fala do professor A “A utilização da oralidade propicia para o aluno o contato com diversos contextos, possibilitando para o aprendiz se comunicar com diversos interlocutores em diferentes situações de comunicação”. O professor B corrobora com esta ideia afirmando que é através do discurso oral que o aluno consegue organizar sua ideia e fazer com que os interlocutores consigam compreender o seu discurso. O professor C confirma que “trabalhar a oralidade com o aluno o ajuda a se relacionar com diversas camadas sociais, pois este terá firmeza ao defender uma ideia, porque ele terá mais interação com outros sujeitos”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem que “a linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento” (2000, p.50). O uso da língua oral propicia para o aluno não apenas saber se comunicar com as diversas instâncias sociais, mas, sobretudo o ensina a saber ouvir e respeitar a opinião do próximo.

Saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores é fundamental. Se não houver ouvinte, a interação não acontece. Logo, é preciso desenvolver nos alunos a competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social (PORTO, 2009, p. 23).

De acordo com a autora, é essencial, que a escola desperte nos alunos a aptidão para saber ouvir os diferentes tipos de discursos, para assim, criar seu próprio discurso e aprender respeitar a opinião das outras pessoas.



3.2 O LUGAR DA ORALIDADE NO PROCESSO AVALIATIVO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Para os professores entrevistados não há um processo avaliativo voltado especificamente para o trabalho com a oralidade em sala de aula.

Não há um planejamento que venha trabalhar com a oratória do aluno na escola, porém é necessário que se tenha um olhar voltado para este tema, trabalhar com a oralidade nas diversas formas de comunicação. (Professor B).

O professor A afirma que a escola deveria planejar atividades que envolvessem a oralidade no processo avaliativo, pois “há uma carência muito grande por parte dos alunos, seria necessário atividades que lhes possibilite expor experiências vividas, debater sobre vários temas sempre respeitando a opinião do outro”. O professor E argumenta que “a oralidade deveria ser avaliada da mesma forma que as outras atividades das demais disciplinas na sala de aula”. Através dos comentários dos professores, percebe-se a urgência que a escola tem em aplicar atividades que desenvolvam o domínio oral do aluno.

Porto (2009, p.24) afirma que a oralidade deve ser avaliada progressivamente, devendo-se avaliar a participação individual do aluno. Para o professor B o trabalho com a língua oral em sala de aula deveria ter o mesmo espaço que as demais disciplinas, pois é tão importante para o desenvolvimento do aluno como ser integrante de uma sociedade, quanto às outras áreas do conhecimento.

A escola deveria atentar para a necessidade que os alunos têm em dominar o trabalho com a oralidade, no processo de ensino-aprendizagem da língua, como avaliações voltadas para situações que incentivem os alunos a falar, expor e debater sobre variados temas sociais. (Professor B).

É dever da escola possibilitar para os alunos a interação com diversas camadas da sociedade, através de atividades que ocorrem em situações reais de comunicação, dentro e fora do contexto escolar. Os PCN’S asseveram que o trabalho com a modalidade oral de linguagem requer incentivar o aluno para as várias situações de comunicação que a fala exige.

Cabe à escola ensinar para o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realizações de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomando como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de provê-la. (BRASIL, 1998, p.26)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam sobre as diversas possibilidades que o uso da fala pode proporcionar para o aluno, através de atividades que envolvem apresentações públicas. No entanto cabe à escola ser mediadora desse processo de aquisição da linguagem propondo situações didáticas que valorizem e incentivem os alunos a usar a fala nos mais variados contextos sociais, usando um grau de formalidade ou informalidade dependendo da situação de comunicação.

3.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EMPREGADOS NA SALA DE AULA

Os gêneros mais trabalhados na sala de aula segundo os entrevistados são a piada, o seminário, o debate, a dramatização que proporcionam ao aluno a vivência de diferentes contextos comunicativos e variados níveis de fala de acordo com o grau de formalidade/informalidade exigidos na situação.

Trabalho os gêneros do discurso como o debate e a dramatização, pois eles ajudam no desenvolvimento e na organização de ideias, argumentar pontos de vista, além de proporcionar a perda da timidez, saber compreender diferentes interlocutores e organizar seu próprio discurso. (Professor C).

[...] trabalho o debate e o seminário, pois tanto o debate quanto o seminário possibilitam para o aprendiz a socialização e os prepara para diversas situações de comunicação que como ser integrante de uma comunidade linguística são confrontados a cada instante. Professor B.

Os relatos dos professores acima mostram que o trabalho com a oralidade é importante, pois possibilita para o aluno interagir com outras áreas do conhecimento, além de conscientizá-lo sobre a importância de respeitar a opinião do outro e conseguir compreender o discurso dos vários interlocutores.

É importante o trabalho com os gêneros textuais na sala de aula, especificamente quando se trata dos gêneros do discurso, pois estes gêneros estão voltados para princípios que envolvem a cidadania, práticas sociais e fornecem informações para a sociedade, ou seja, trabalham com a língua em uso, e isto implica no fato de ouvir, falar, ler e escrever. Estes quatro fatores com certeza ajudam o aluno a tornar-se um futuro orador com pleno domínio discursivo. Bakhtin (2006) observa a diversidade dos gêneros do discurso ao falar das infinitas possibilidades que podem ser vistas.

Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (salienta-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes). (BAKHTIN, 2006, p.262)

Assim alguns gêneros textuais são mais vistos pela escola como: debate, júris simulados, dramatizações, piadas, histórias em quadrinhos, entre outros que propiciam para o aprendiz o seu desenvolvimento para o contato com diversas situações de comunicação.

Trabalho especificamente o debate, pois este gênero propicia ao aluno o contato com diferentes temas controversos que como ser integrante de uma comunidade, ele estará sujeito a vivenciar, possibilitando ainda, a experiência com o frequente uso da oralidade. (professor C)

De acordo com a fala do entrevistado podemos concluir que ao trabalhar os gêneros textuais na sala de aula, o professor estará viabilizando o acesso a diferentes contextos com várias situações de comunicação. Assim, ao trabalhar esse gênero o aluno conseguirá adentrar as diversas formas de comunicação. Portanto, possibilitaremos ao aluno argumentar e expor sua opinião a respeito de um determinado tema que envolve a sociedade, propiciando ainda, a ele reconhecer a importância que o ato oral possui para sua vida enquanto cidadão crítico e ser social.



O trabalho com a diversidade dos gêneros do discurso auxilia no desenvolvimento da capacidade do aluno de compreender os discursos dos outros e organizar os seus de forma clara. Como argumenta o professor D “a variedade textual como o debate, seminários, júris simulados, que trabalho na sala de aula ajuda o aluno a se expressar, argumentar, expor experiências vividas de forma consistente”.

É através dos gêneros do discurso que o aluno consegue compreender as diversas formas de usar o discurso oral nos mais variados graus de formalidade/informalidade que a sociedade impõe.

Na escola, muitos são os gêneros orais formais que circulam e sequer percebemos que fazem parte de nossa prática cotidiana, tais como: o seminário, o júri simulado, a exposição oral, a entrevista e a própria aula. A vantagem em explorá-los como objeto de ensino-aprendizagem de língua materna está justamente o fato de muitos deles constituírem práticas sociais reais da escola. (SANTOS; MENDONÇA; CAVALCANTI, 2007, p. 90)

Ao trabalhar com a variedade de gêneros do discurso na sala de aula, o professor pode propor uma análise de um mesmo gênero em vários domínios discursivos, por exemplo, a entrevista televisiva e a radiofônica, instigar os alunos para perceberem quais as semelhanças e diferenças entre esses domínios.

3.4 O PLANEJAMENTO ESCOLAR E A ORALIDADE

Ao tratar sobre o planejamento voltado à língua oral em sala de aula todos os professores entrevistados responderam que infelizmente não há um planejamento voltado especificamente para o trabalho com a oralidade em sala de aula.

Não há um trabalho que seja voltado especificamente para a língua oral em sala de aula, porém percebemos que a necessidade é grande por parte dos alunos. A escola deveria replanejar o conteúdo programático, afim de, acrescentar atividades que valorizem a fala do aluno (professor A).

Infelizmente não há, mas é necessário que se faça para preparar os alunos para fazerem bom uso da oralidade (Professor B).

Às vezes o professor elabora seu planejamento porque percebe a dificuldade que os alunos apresentam quando trabalham a língua falada na sala de aula (Professor E).

Dessa forma é possível identificarmos através da fala dos entrevistados acima que o trabalho com a oralidade merece uma atenção especial voltada para a necessidade que os alunos apresentam ao lidar com este gênero. A escola acha que o aluno já faz uso dessa linguagem em seu cotidiano, por isso não precisa ser trabalhado como conteúdo em sala de aula, porém alguns alunos menos favorecidos socialmente acabam se afastando do convívio com outros alunos por não saber se expressar de acordo com o contexto exigido. Confirma esta ideia a fala do professor C:

É preciso que a escola atente para a questão do trabalho com a língua oral em sala de aula, avaliar seu planejamento visando desenvolver um trabalho, que leve o aluno não só a conhecer e usar a norma padrão, mas entender a necessidade desse uso em diversos contextos sociais.

Os PCN'S (BRASIL, 1997, p.38) definem a língua oral como conteúdo escolar. Para isso, é necessário que se faça um planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua.

A escola deveria replanejar suas atividades pedagógicas, inserindo o trabalho com a língua oral como currículo obrigatório na sala de aula, pois ao trabalhar a língua em situação concreta, a escola estará possibilitando o contato com diversas formas de comunicação, viabilizando para o aluno organizar seu discurso de forma clara e, refletir sobre as atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concretizar este trabalho percebemos a importância da escola realizar atividades que se voltem para o trabalho com a oralidade na sala de aula. Mais que isso, é necessário que se faça um planejamento que englobe de fato o discurso oral do aluno, valorizando o conhecimento de mundo, inato que o aprendiz já possui. Trabalhar ainda as especificidades que este gênero apresenta deixando o aluno persuadido sobre o grau de formalidade/informalidade que deve ser usado para cada situação de comunicação concreta. É preciso que o professor, ao trabalhar a língua falada, leve o aluno a perceber sua função social, conscientizá-lo sobre a importância de saber organizar um discurso e saber argumentá-lo consistentemente.

Os professores entrevistados mostraram a importância que o trabalho com a oralidade trás para a vida do aprendiz, é através da linguagem que conseguimos nos relacionar, emitir opiniões, debater um determinado tema que envolve a sociedade. Relataram ainda que trabalhar com a diversidade textual auxilia na aprendizagem mais rápida do aprendiz, pois ele consegue assimilar as diversas formas de comunicação da fala de acordo com o contexto que se apresenta.

Torna o aluno um sujeito capaz de se relacionar com as diversas camadas da sociedade, podendo se comunicar com diversos interlocutores e organizar seu discurso de maneira clara e coerente. Porém é necessário que a escola envolva o trabalho com a oralidade nas atividades diárias de sala de aula do aluno, possibilitando situações que incentivem os alunos a falar, expor, debater sobre problemas do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português** – encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. 2º ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEHMANN, Bianca Alves. **Ensino dos gêneros orais formais em Língua Portuguesa**. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/doc/161323571/> > Acesso em: 12.07.2014.
- LEITE, Alda Fernanda Correia. **Trabalhando a oralidade na sala de aula**, 2010. Disponível em: <www.hottopos.com/rih21/P27a34.pdf/a> Acesso em: 19.08.2014.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymar, 2009.
- ROCHA, Décio; DAHER, Maria Del Carmen; SANTÁNNA, Vera Lúcia de Albuquerque. **A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva**. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1132>. > Acesso em 20.07.2014
- SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. CAVALCANTI, Marianne C.B. **Diversidade textual os gêneros na sala de aula**. 1ed. 1reimp. – Belo Horizonte: Autêntica 2007.
- SERAFIM, Mônica. **Da teoria à prática: um olhar sobre a oralidade**, 2010. Disponível em: <www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/textoacademico.> Acesso em: 12.07.2014.